



AMAPÔ: IDENTIDADES, POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS

Marlyson Junio Alvarenga Pereira¹

Resumo: Este ensaio pretende analisar o documentário intitulado Amapô, de Kiko Goifman. O filme em pouco mais de dez minutos conta a vida de Sandra, uma travesti que fora brutalmente assassinada. O diretor apresentou-nos esta vida a partir da visão de outras pessoas, portanto Sandra é trazida sob a lógica da alteridade. Foco nesse esse outro excluído e segregado por uma norma que já estabeleceu seu centro e suas margens. Contesto esse sistema binário na figura da travesti, esse outro criado para se estabelecer o domínio do sujeito. Assim, a travesti, pensada a partir do documentário Amapô, como esta que resiste a essa norma, como esta que desfaz os estereótipos. Portanto, problematizo essa que busca ser aquilo que ela é: nada mais que mulher.

Palavras-chave: o outro, resistências, possibilidades, exclusão, norma.

O Outro

A leitura do conto “Mineirinho” de Clarice Lispector, no qual, essa vem a nos contar a morte de um bandido com treze tiros disparados por um policial. Clarice estava a tomar seu café da manhã quando se depara com a notícia. A escritora pergunta a sua cozinheira o que esta acha do fato que responde: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no Céu” (LISPECTOR, 1978, p. 01). A partir daí, Clarice vai se perguntando sobre a trajetória de Mineirinho até se transformar em um bandido e como somos responsáveis pela sua morte. É assim que Clarice narra os treze tiros:

Mas há alguma coisa que, se me fez ouvir o primeiro tiro com alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – por que eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro (Idem, p. 02).

Parece-nos que o décimo terceiro tiro deflagra toda culpa da narradora e essa se coloca no lugar do outro. Ela se torna o outro. Porém o martírio já acabou e podemos

¹ Universidade Federal de Lavras - UFLA. Participa do grupo de estudos: Relações entre a filosofia e a educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente. Coordenado pela Prof. Dra. Cláudia Maria Ribeiro - macarlyson@yahoo.com.br.

voltar para nossas vidas, para nosso sono tranquilo. Clarice, durante todo seu texto, se pergunta sobre nossa parcela de responsabilidade diante de uma sociedade que cria seus monstros, para que alguns possam gozar do *status* de sujeito em detrimento de outros, que são deixados às margens. Mineirinho nos faz pensar no outro, no criminoso, nos párias e mal paridos, nos coxos, nos homossexuais, nas travestis, enquanto não sujeitos, criados para se estabelecer o contrário do normal. Quando Clarice coloca o outro como tema de sua crônica ela se mostra inquieta diante de uma sociedade que pauta seu discurso em centro e margem, como se a margem não fosse uma criação perversa deste discurso. Como se a margem sempre tivesse existido, como se ela fosse natural. A autora de Mineirinho quer que não nos esqueçamos do sofrimento do outro, para isso ela diz:

“Mineirinho viveu por mim a raiva, enquanto eu tive calma. Foi fuzilado na sua força desorientada, enquanto um deus fabricado no último instante abençoa às pressas a minha maldade organizada e a minha justiça estupidificada” (LISPECTOR, 1978, p. 03).

E aqui focamos no outro, ou nos outros, criados por nossa sociedade para se estabelecer a anormalidade. Colocar nossa “maldade organizada” em questão e chamar a atenção para uma lógica binária suspeitando dos discursos que essencializam os sujeitos, como se o criminoso do conto de Lispector não fosse produto de uma lógica que fabrica seus segregados para que esses possam demarcar o domínio dos sujeitos sobre seus corpos excluídos.

Junto com Clarice problematizamos o lugar o qual delegamos as diferenças, as dicotomias criadas por uma sociedade que tem suas fronteiras tão delimitadas. E consequentemente pensar nesses e nessas que ultrapassam essas fronteiras, nos “corpos que escapam”, citando aqui a professora Guacira Louro (2002) que diz como temos classificado os sujeitos definindo-os pelas marcas existentes em seus corpos. Corpos esses que são enquadrados como loucos, homossexuais, travestis, gordos, desajeitados, criminosos e que se definem por meio dos discursos que os constroem social e culturalmente.

O projeto

Objetivando formar um grande acervo de produções audiovisuais de caráter autoral para tratar da temática dos direitos humanos, em 2007 a X-Brasil² juntamente com ONG's, instituições públicas e privadas da área de comunicação (em saúde,

² Empresa que desenvolve e viabiliza estratégias de comunicação por causas sociais. Disponível em: www.xbrasil.net. Acesso em: 15 de maio.

educação, direitos sociais, cultura e meio ambiente), e o Instituto Cultura em Movimento (ICEM)³, criou um projeto intitulado “Marco Universal dos Direitos Humanos”. Este fez parte das comemorações pelo sexagenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tal projeto teve como tema “Direitos Humanos: a exceção e a regra” e para sua realização foram convidados vários diretores dentre eles, Kiko Goifman.

Goifman é conhecido por seu trabalho inovador sobre o gênero documentário e já produziu vários curtas e longas metragens, dentre eles “33”, filme investigação que mostra a busca de Kiko Goifman por sua mãe biológica e “Aurora”, em que num paralelo de estátuas esquecidas pela cidade, velhas prostitutas desfiam histórias de abandono e desprezo. Portanto a temática do social está muito presente em seus documentários. Formado em antropologia pela UFMG, Goifman diz que seu trabalho se passa muito pelo “desejo de conhecer o outro, pela alteridade”⁴.

Alteridade é trazida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (1998), como “colocar-se ou constituir-se como outro”, o que nos leva a pensar que em seu conto, Clarice se coloca no lugar do outro ao dizer “o décimo terceiro tiro me assassina – por que eu sou o outro” (1978, p. 03). Podemos perceber que esse outro possui um eu. Um eu que muitas vezes é excluído, é negado, é destruído.

A negação do outro como não constituído de um eu, de um eu que deseja, de um eu que quer existir enquanto identidade se dá pela afirmação de uma norma. Norma essa, constituída como o discurso que cria uma normalidade em contraposição a uma anormalidade. O outro que não é pensado representa a diferença que se materializa em não sujeitos. Por exemplo, o criminoso sobre o qual reflete Clarice, ou ainda nos muitos/as que vivem às margens de nossa sociedade, silenciados por essa norma.

Foi pensando nas margens e no outro enquanto diferença, que o diretor Kiko Goifman propôs o documentário Amapô. Neste, Goifman traz a vida de uma identidade que quer existir, apesar da norma.

O impactante documentário mostra-nos a vida de uma travesti a partir da perspectiva do não-convencional. O diretor, acreditamos, quer trazer outra visão sobre uma travesti, e quer sair dos estereótipos da marginalização, da prostituição, do abandono, da exclusão. Quer nos passar a ideia de que resistir é possível.

³ Entidade sem fins lucrativos, que tem como objetivo ampliar o acesso aos bens culturais, ampliando a circulação desses bens como cinema, teatro, dança, literatura, música, as artes em geral. Disponível em: www.icemvirtual.org.br. Acesso em 15 de maio.

⁴ Disponível em: www.sergipe.com.br/balaiodenoiticias. Acesso em 16 de maio.

A resistência é essa que procura a noite mais escura ou mais clara para deflagrar a fuga aos Quilombos. A resistência requer técnica, tempo e, sobretudo desejo. Desejo vem do irracional, porém não um irracional como contrário a uma racionalidade imperante. Mas um irracional que é devir, que é incontável, que é existência incontável de vida. É a vida se mostrando presente. Mesmo sabendo de todos os percalços e intempéries que podem nos acometer, desejamos.

O Documentário

“Amapô é mulher, nada mais do que eu mesma”. Essa é a fala que fecha o documentário *Amapô* (2008). *Amapô* deriva do Yorubá *Amapôa* e dentro das gírias das travestis, é um termo para se referir à mulher, já que seu significado é vagina. Este curta narra a vida de Sandra, a partir da visão de outras pessoas. O diretor utiliza-se de relatos que compõem a história de uma vida. De uma vida que fica pelo caminho, pois o curta tem um desfecho fatal: Sandra é uma travesti que foi brutalmente assassinada.

O filme em pouco mais de dez minutos nos traz um olhar sobre o ir além das fronteiras do estabelecido. Sobre repensar a normalidade e desdizer os binarismos mulher/homem, homossexual/heterossexual, macho/fêmea. *Amapô* é um curta que nos leva a um universo, no qual, o isto ou aquilo foi remexido, repensado. Nele a travesti Sandra é trazida como aquela que resiste a um sistema que demarcou seus possíveis e já estabeleceu o normal. Assim a travesti é aquela que representa a ultrapassagem nesse estabelecido. Ultrapassagem essa, percebida quando elas, as travestis, assumem seu desejo de ser mulher.

O documentário começa mostrando imagens que se passam em São Miguel Paulista, distrito de São Paulo. Um par de tênis pendurado em uma fiação de alta tensão, um fusca velho faltando partes de sua lataria estacionado no meio da rua, um homem a caminhar em uma avenida semi-deserta, um emaranhado de fios em um poste de luz nos passam uma visão de abandono. Porém logo em seguida, aparecem imagens de flores, crianças “empinando pipas”, uma rua com muitas árvores plantadas em seus canteiros. Essas nos sugerem uma alegria, contrapondo-se assim, as primeiras imagens que mostravam certa dureza no cotidiano.

Ao mesmo tempo que mostra o abandono, o curta traz ao fundo várias vozes que dizem sobre Sandra:

- “Ai a Sandra era tudo de bom, de todas as pessoas que conheci em minha vida, a Sandra era uma das melhores”. (Voz A)

- “Você vê que era uma pessoa amorosa, carinhosa, gostava muito de criança, respeitava todo mundo”. (Voz B)

E é nessa linguagem que mostra o isto e aquilo que se passará Amapô. O documentário discute como o discurso da normalidade pode ser perverso e segregador. Como os sujeitos que ousam ultrapassar as fronteiras desta “normalidade” podem sofrer toda a perversão desse discurso. Porém os sujeitos ultrapassam e vão viver os seus desejos, e aqui o desejo é o ser mulher.

As vozes seguem contando sobre a vida de Sandra, porém nesse momento uma voz se faz mais ouvida. Então a câmera se desloca e mostra uma fotografia de mulher. Com os cabelos longos, jogados de lado, uma roupa que mostra seu abdômen definido, os seios bem feitos, as sobrancelhas bem arqueadas. E em seguida a imagem é novamente deslocada e aparece na tela o rosto da mulher que falava ao fundo. Somente aí notamos que a voz que ouvíamos era de uma travesti.

Pensamos na intencionalidade do diretor em fazer-nos repensar os estereótipos a que são submetidas as travestis. Estereótipos estes criados por uma norma que diz que uma travesti não pode ser bem vista pela comunidade. Que uma travesti não poderia gostar de crianças, enfim, que uma travesti não poderia viver como tantas outras pessoas. Isso remete às ideias de Peres e Toledo:

As identidades sexuais e de gênero norteadas por discursos e referências baseados em padrões sociais, políticos e culturais, bem de conceituação teórica e científica, têm sofrido profundas transformações na contemporaneidade. A emergência e visibilidade de novas formas de existência, além dos tradicionais, “homem”, “mulher”, “heterossexual” e “homossexual”, têm produzido uma desestruturação das lógicas binárias. (PERES; TOLEDO, 2011, p. 263).

Assim, problematizaremos o documentário sob o aspecto das profundas transformações, como citado em PERES; TOLEDO que o modelo binário normativo tem sofrido. E Sandra pode ser essa que nos ajudará a pensar a “sequência sexo-gênero-sexualidade [...] Tal lógica implica que esse ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo” (LOURO, 2008, p. 15).

Essa sequência está fortemente baseada na chamada heterossexualidade universalizada⁵, sendo assim um corpo somente poderia construir-se em uma perspectiva feminina se tratasse de uma fêmea e logo seu desejo seria orientado para masculino, macho. O qual somente poderia orientar seu desejo para o feminino, fêmea.

⁵ Segundo Debora Britzman (1996) “existe um pressuposto universal – ao menos até que seja perturbado – é que todo mundo é ou deveria ser heterossexual”.

E assim toda e qualquer outra forma de desejo foi colocado à categoria de desviante, de perverso como nos fala Foucault (1988).

Foucault nos diz que o poder incide sobre os corpos e cria-os (1988). Foi no século XIX que vimos o surgimento de um novo tipo de sujeito. Daquele criado sob o domínio do poder para que se pudesse circunscrever a dominação. O poder legitima um modelo de sexualidade em detrimento de outro, tido como perverso, desviante. E essa prática legitimada também precisará ser nomeada.

Até então o que era “normal”, não tinha um nome. Era evidente por si mesmo, onipresente e, conseqüentemente (por mais paradoxal que pareça) invisível. O que até então, não precisara ser marcado, agora tinha de ser identificado. (LOURO, 2009, p. 89)

Desse modo é criado o par heterossexual/homossexual como uma oposição que funda a verdade sobre as práticas dos sujeitos. O “normal” a heterossexualidade da família burguesa, branca e o outro, como diferença essencial, as sexualidades que não participam desta verdade. “Entendia-se o primeiro elemento como primordial e o segundo como subordinado [...] Consolidava-se um marco, uma referência-mestra para a construção dos sujeitos” (Idem, p. 89).

Porém os corpos resistem e onde houver poder, conseqüentemente haverá a dissidência, pois lá onde há poder haverá resistência (FOUCAULT, 1988, p. 105). A resistência está espalhada por todos os lados, pois o poder o está. Assim o poder não é algo que se adquira, se possua, o poder se exerce. E assim esses perversos filhos do discurso, criados sob o estigma do patológico, construirão superfícies de respiração dentro deste tempo linear. Eugênia Vilela (2003) nos propõe que resistir é criar, é pensar o mundo como possibilidade de se estabelecer novos modelos de existências.

Desse modo Amapô nos possibilita pensar as travestis sem os estereótipos a que estas estão submetidas. Amapô nos propõe pensar nessa existência que é também resistência. Mesmo com todos os investimentos das instituições, como escola, família, medicina e as leis, os corpos subverteram o sistema. Aos moldes das pequenas resistências, essas que acontecem como em um bairro de uma periferia qualquer, de uma grande cidade, como no caso de Sandra, os corpos gritarão por vida.

Por uma vida que na maioria das vezes a dissidente travesti tem de brigar, de lutar, mesmo que o embate seja físico, pelo direito a exercer o seu desejo, o desejo de existir, o desejo de ser mulher.

O Ser mulher

A travesti que narra a vida de Sandra no curta-metragem começa seu relato contando quando saiu de casa e foi morar junto a ela:

- “decidi abdicar de minha família e fui morar junto a Sandra e mais uma amiga, e foi ali que me assumi, cheguei lá vestida de mulher e fiquei vinte quatro horas por dia. Nunca mais coloquei uma roupa masculina”.

Nesse ponto do documentário aparece uma sequência de fotografias desta travesti, nas quais fica evidente seu corpo feminino. A primeira fotografia mostra as marcas de biquíni delineando contornos. O curta evidencia o corpo transformado, o corpo modificado. Segundo PERES; TOLEDO (2011) as travestis são:

Pessoas que se identificam com as imagens e estilos diferentes do esperado socialmente para seu sexo biológico e que desejam e se apropriam de indumentárias e adereços dessas estéticas, realizando com frequência a transformação de seus corpos por meio da ingestão de hormônios e/ou da aplicação de silicone industrial, assim como pelas cirurgias de correção estética e de implante de próteses. (p. 265)

“Assim o desejo travesti é o de tornar-se outro” (MALUF, 2002, p. 149), é o desejo de se tornar mulher. E para tanto vão investir na construção deste corpo feminino. As marcas de biquíni que a fotografia nos mostra sugere um corpo bronzeado, bem cuidado. E esse cuidar do corpo “é uma das maiores preocupações das travestis” é o que nos conta Pelucio:

“Estão sempre buscando o que elas chamam de ‘perfeição’, o que significa ‘passar por mulher’. Não por qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável. Isto é, geralmente a branca e burguesa” (PELUCIO, 2005, p. 02).

Assim a travesti vai tentar adequar o seu corpo ao seu desejo, ou seja, adequar o seu corpo masculino à construção de um corpo feminino. Quando a travesti tenta se tornar “uma mulher bonita e desejável, isto é, geralmente a branca e burguesa”, ela está construindo para si o que Judith Butler (2002) chamou de gêneros inteligíveis. Que são “aqueles, segundo a autora, que em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (PELUCIO, 2005, p. 02). E ainda segundo Pelúcio, essa mesma inteligibilidade que mantém a heteronormatividade, é a mesma que as institui como sendo o que Butler chamou de “corpos abjetos”.

“Aqueles que ainda não são sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito” (BUTLER, 2002).

Desse modo os corpos abjetos habitam os lugares onde os sujeitos não estão. Esses não sujeitos criados pela norma representam os limites os quais, o sujeito não deve chegar. Esses corpos são criados para que se estabeleça a diferença. Os corpos abjetos, como o “monstro” de Cohen (1996), trazem-nos a “advertência, eles revelam” (segundo a etimologia da palavra monstro). Revelam a outra parte, o submundo, a diferença que não queremos ver, mas ela está lá. A travesti com seu corpo construído nos adverte sobre a verdade heteronormativa. A travesti nos faz pensar que talvez possamos viver em um mundo de verdade plural (LOURO, 2002, p. 10), no qual centro e margem se misturam, desfazendo-se a dicotomia. A travesti nos faz pensar nessa lógica perversa que institui os não sujeitos, os monstros, os corpos abjetos, para que se possa inscrever o domínio do sujeito. Lógica essa, que legitima a exclusão, a segregação, a negação do outro, a sua destruição.

As doze facadas

“Foram doze facadas mais ou menos, sendo que a última a degolou”. Essa fala é da travesti que narra o documentário, dizendo de seu desfecho fatal. Neste momento as imagens se passam dentro de um carro em movimento, onde é focado apenas o rosto da travesti que fala. As imagens estão se deslocando, quando o veículo passa em frente a casa onde Sandra foi assassinada.

Ela conta que no dia do assassinato, ela recebera uma ligação de Márcio, “esposo de Sandra”, dizendo:

“- Aconteceu uma coisa horrível com a Sandra, ela foi assassinada.”

Neste momento do documentário surgirão alguns dados sobre a homofobia no Brasil: “cento e cinquenta homossexuais são mortos por ano no país. Metade destas vítimas são compostas por travestis.”

Esses dados revelam grande quantidade de crimes ocasionados por ódio no país. Os números são de 2008 e se formos analisá-los hoje, veremos que os crimes têm aumentado segundo dados do Grupo Gay da Bahia⁶, que faz um levante anual destes crimes. Porém, o GGB diz que o que tem acontecido é um maior noticiamento desses crimes, ou seja, os crimes de ódio contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no Brasil sempre foi alto, porém o que se passava era um esquecimento desses/as tidos como descumpridores de um padrão, o heterossexual.

⁶ Disponível em www.ggb.org.br. Acesso em 15 de maio.

Deborah Britzman (1996), nos fala que existe um pressuposto universal, no qual todos deveriam ser heterossexuais. Assim o que ela quer nos dizer é a colocação da heterossexualidade como norma vigente. Pois, vai existir todo um investimento de diversas instâncias (família, igreja, escola, medicina, leis) para a manutenção desta norma. E, portanto, todos aqueles/as que perturbarem a ideia do casal branco, burguês, heterossexual sofrerão as consequências de sua dissidência.

Assim esse pressuposto universal, essa heteronormatividade,

“é considerada pelas práticas discursivas das ciências, bem como da maioria das religiões, e das tradições culturais, como algo natural, normal, correto, santificado, saudável e superior às outras formas de sexualidade (PERES, TOLEDO, 2011, p. 264).”

A manutenção da heteronormatividade se dá pela afirmação da heterossexualidade e negação de outras formas de sexualidades. Assim para que se possa manter um padrão é preciso que se crie a não-norma, a anormalidade.

E assim a homofobia se dá enquanto negação deste outro enquanto diferença. Deste outro que não participa da “única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu” (LOURO, 2009, p. 89). Desse modo podemos pensar a homofobia enquanto produto desta lógica perversa que institui uma normalidade e cria todo um aparato discursivo para mantê-la.

Pensar a homofobia materializada nestas doze facadas que foram dadas em Sandra. Sandra como sendo esse corpo abjeto que é criado para que o sujeito possa reinar enquanto detentor de uma identidade verdadeira. Sandra, portanto é a diferença que incomoda, uma mancha na normalidade. Assim o que se espera de uma dissidente da norma que essa vá cumprir o seu papel de não sujeito. Vá ocupar as sarjetas malcheirosas da normalidade, vá viver em um lugar que não incomode.

A marginalização, os circuitos do lucro, as travestis ocuparão. Sem oportunidades de estudar, muitas são empurradas para a prostituição para tentar sobreviver. Esse corpo abjeto vai habitar os lugares de “inabitabilidade”, pois esse é o lugar destinado a essas figuras dissidentes da norma, cumprindo-se o imaginário que associa a travesti à prostituição, ao abandono, à segregação.

Imaginário esse construído, na maioria das vezes por um discurso que permite a segregação dessas. Assim encontra-se na criação do perverso, na patologização de seus comportamentos, na colocada de seus corpos sob um discurso, que os/as exclui, pois elas/es descumprem essa mesma norma que as/os humilha, pois elas/es manifestam uma feminilidade em um corpo masculino, ou uma masculinidade em um corpo feminino. Assim é desde muito cedo que as travestis conhecem o peso da norma, manifestada

através da humilhação, da exclusão pelas instituições (escola, família, igreja, estado), pela estigmatização, como outro lado macabro desta lógica binária.

Porém o curta Amapô quer trazer a travesti sem o peso da estigmatização, da prostituição. Quer nos mostrar que Sandra é uma resistência lutando por sua existência. Amapô quer trazer as travestis longe dos lugares que a norma destina a elas e com isso quebrar os estereótipos a que estão submetidas. Mostrar que a travesti não é sinônimo de marginalização, de prostituição, apesar de existir todo um imaginário que as dizem com o sendo. O Curta quer nos fazer rever esse outro que vive sob um peso de um estigma, o qual é criado para estabelecer as desigualdades, para reafirmar o poderio de um sujeito sob a desgraça de muitos não sujeitos.

Amapô quer trazer a manifestação de uma identidade que quer existir. O curta possibilita problematizar os binarismos, brinca com o pronto e acabado, pois ele traz uma travesti não sob o olhar do estereótipo, mas da possibilidade. Não sob o olhar da norma, mas da resistência. Amapô é pura possibilidade de viver. Amapô é puro desejo de ser, e aqui Amapô é mulher.

Por fim...

Não quisemos aqui esgotar as interpretações sobre o provocativo documentário de Kiko Goifman. Aqui tentamos mostrar uma perspectiva que passa pela resistência. Notamos em Amapô que a vida, apesar das fronteiras, encontrará possibilidades.

Amapô é provocativo porque ele não fala de estereótipos, ele mostra uma travesti bem aceita pela comunidade, uma travesti que está ligada a questões cotidianas da vida, como cozinhar, cuidar de crianças, ir à padaria.

O curta propõe pensar no outro estigmatizado, produto de uma lógica macabra que cria os estigmas para estabelecer as desigualdades. Porém apesar das desigualdades os sujeitos resistirão. Ou tentarão resistir, pois como vimos, a vida de Sandra tem um triste desfecho.

O documentário também nos provoca a pensar nessa lógica que segrega, exclui, humilha, destrói. Desta lógica que se funda em isto ou aquilo e que não problematiza os seus não sujeitos que se encontram aquém da norma, e que são necessariamente, produtos desta mesma. São fabricados como anormais, para que o sujeito reine enquanto normal.

Amapô provoca porque não exclui. Amapô provoca, porque desmonta, desloca, desfaz. Amapô provoca, porque desdiz a regra. Amapô nos faz pensar que enfim, não tem fim.

Referências Bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRITZMAN, Débora P. O que é essa coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: Sobre os Limites Discursivos do “Sexo”. In: Guacira Lopes Louro. (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. v. 01. 174 p.

LISPECTOR, Clarice. **Mineirinho**. In: Para Não Esquecer. Siciliano, São Paulo, 1978.

LOURO, Guacira. Lopes. **Corpos que escapam**. Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília/Montreal/Paris, v. 04, 2003.

_____. **Heteronormatividade e Homofobia**. In: Rogério Junqueira. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2009, v.1, p. 85-93.

_____. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MALUF, Sônia. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Revista Estudos Feministas**. v. 1/2, 2002.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. (2001). Estigma, discriminação e AIDS. **Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – Cidadania e Direitos**, 1, Rio de Janeiro.

PELUCIO, Larissa. **Toda Quebrada na Plástica** - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. Campos (UFPR), Curitiba _PR, v. 06, n. 01, p. 97-112, 2005.

PERES, Wiliam Siqueira ; TOLEDO, Livia Gonsalves . Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Psicologia Política**, v. 11, p. 261-277, 2011.

VILELA, Eugênia. **Acontecimento e resistência**: As palavras sem centro. In Walter Kohan (Org.) Foucault 80 Anos. Rio de Janeiro: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro:Graal, 1998.

SILVA, Tomaz. Tadeu. (Org.). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. v. 1. 200 p.